

**SEMANA DE ORAÇÃO**

PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS

18 a 25 Janeiro de **2015**

**“Dá-me de beber!”** João 4,7

CONSELHO PORTUGUÊS DE IGREJAS CRISTÃS

COMISSÃO EPISCOPAL MISSÃO E NOVA EVANGELIZAÇÃO

**“Dá-me de beber!”** João 4,7

Subsídios para a

**SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

e para todo o ano de 2015

Preparado e publicado em conjunto pelo

Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e

Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas

## ÍNDICE

Para aqueles que organizam a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

Texto bíblico para o ano de 2015

Introdução ao tema para o ano de 2015

Preparação do material para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos em 2015

Celebração Ecuménica

Introdução à celebração

Roteiro da celebração

Reflexões bíblicas e orações para os oito dias

Situação do ecumenismo no Brasil

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos - Temas de 1968-2015

Datas fundamentais na história da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

Todas as citações bíblicas usam a Tradução Ecuménica da Bíblia (TEB)

## **PARA AQUELES QUE ORGANIZAM**

### **A SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

#### **A busca da unidade ao longo de todo o ano**

O período tradicional, no hemisfério norte, para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é de 18 a 25 de janeiro. Essas datas foram propostas em 1908 por Paul Watson porque cobriam os dias entre as festas de São Pedro e São Paulo, tendo portanto um valor simbólico. No hemisfério sul, já que janeiro é tempo de férias, as Igrejas frequentemente escolhem outros dias para celebrar a Semana de Oração, como, por exemplo, no tempo de Pentecostes (de acordo com o que foi sugerido pelo movimento Fé e Ordem em 1926), que é também uma data simbólica para a unidade da Igreja. Cientes da necessidade de flexibilidade, propomos que se use este material ao longo de todo o ano para expressar o grau de comunhão que as Igrejas já atingiram e para orar juntos pela plena unidade que é o desejo de Cristo.

#### **Adaptação do texto**

Este material é oferecido com a compreensão de que, sempre que possível, será adaptado para uso em situações específicas locais. Deve-se levar em conta a prática litúrgica e devocional, bem como o conjunto do contexto social e cultural. O ideal é que essa adaptação seja feita de forma ecuménica. Em alguns lugares já existem estruturas ecuménicas para a adaptação deste material; em outros, esperamos que a necessidade de adaptação venha a ser um estímulo para a criação de tais estruturas.

#### **Usar o material da Semana de Oração**

Para Igrejas e comunidades cristãs que vivem juntas a Semana de Oração, foi providenciado um texto para a celebração ecuménica.

Igrejas e comunidades cristãs podem também incorporar material da Semana de Oração nas suas próprias celebrações. As Orações para o Culto Ecuménico, os “oito dias” e a seleção de materiais adicionais podem ser usadas como se julgar apropriado em cada situação.

As comunidades que têm celebrações da Semana de Oração todos os dias durante a semana podem usar para isso o material proposto para os “oito dias”.

Os que desejam fazer estudo bíblico sobre o tema da Semana podem usar como base os textos e reflexões dados para os oito dias. Em cada dia, a reflexão pode ter um tempo final de oração de intercessão.

Os que desejarem orar de modo privado podem encontrar material útil para orientar as intenções das suas Orações. Podem assim ter consciência de estar em comunhão com outros que oram no mundo inteiro pela maior visibilidade da unidade da Igreja de Cristo.

## TEXTO BÍBLICO PARA O ANO DE 2015

João 4, 1-42

Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais gente do que João – na verdade, Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos- ele deixou a Judeia e foi para a Galileia. Ora, era preciso que atravessasse a Samaria. Foi assim que ele chegou a uma cidade da Samaria chamada Sicar, não longe da terra dada por Jacob a seu filho José, lá mesmo onde se acha o poço de Jacob. Cansado da viagem, Jesus estava assim sentado na borda do poço. Era mais ou menos a sexta hora. Chega uma mulher da Samaria para tirar água; Jesus lhe disse: Dá-me de beber. Os seus discípulos, com efeito, tinham ido à cidade para comprar o que comer. Mas esta mulher, esta samaritana disse-lhe: Como? Tu, um judeu, tu me pedes de beber a mim, uma mulher samaritana? Os judeus, com efeito, não querem ter nada em comum com os samaritanos. Jesus respondeu-lhe: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é aquele que te diz: “Dá-me de beber”, tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva. A mulher disse: Senhor, tu não tens sequer um balde, e o poço é profundo; de onde tiras, então, essa água viva? Serias maior do que o nosso pai Jacob, que nos deu o poço do qual ele mesmo bebeu, como também seus filhos e seus animais? Jesus lhe respondeu: Todo aquele que bebe desta água ainda terá sede; mas aquele que beber da água que eu lhe darei nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe darei se tornará nele uma fonte que jorrará para a vida eterna. A mulher disse-lhe: Senhor, dá-me essa água, para que eu nunca mais tenha sede e não precise mais vir aqui tirar água. Jesus lhe disse: Vai, chama o teu marido e volta aqui. A mulher lhe respondeu: Não tenho marido. Jesus lhe disse: Tu dizes bem: “Não tenho marido”; tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisso disseste a verdade. Senhor, disse-lhe a mulher, vejo que tu és um profeta. Os nossos pais adoraram sobre esta montanha, e vós afirmais que é em Jerusalém que se encontra o lugar onde se deve adorar. Jesus lhe disse: Acredita-me, ó mulher, vem a hora em que não é nem sobre esta montanha, nem em Jerusalém que adorareis o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas vem a hora, e é agora, na qual os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade; tais são, com efeito, os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e por isso os que o adoram devem adorar em espírito e verdade. A mulher lhe disse: Eu sei que um Messias deve vir – aquele que chamam Cristo. Quando ele vier, anunciar-nos-á todas as coisas. Jesus lhe disse: Sou eu, eu que estou a falar contigo. E nisto, os discípulos chegaram. Eles ficaram estupefatos ao verem Jesus falar com uma mulher; mas ninguém lhe disse: Que perguntas? Ou por que lhe falas? A mulher, então, abandonando o cântaro, foi à cidade e disse ao povo: Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não seria ele o Cristo? Eles saíram da cidade e foram ter com ele. Enquanto isso, os discípulos insistiam com ele: Rabi, come! Mas ele lhes disse: Eu tenho para comer um alimento que vós não conheceis. Então, os discípulos disseram entre si: Alguém lhe teria dado de comer? Jesus lhes disse: O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra. Vós mesmos não dizeis: Daqui a quatro meses vira a ceifa? Ora, eu vos digo: levantai os olhos e olhai, já os campos estão brancos para a ceifa! Já o ceifeiro recebe o seu salário e ajunta fruto para a vida eterna, de tal modo que aquele que semeia e aquele que colhe se alegram juntos. Pois nisso é verdadeiro o provérbio: Um é o que semeia, outro, o que colhe. Eu vos enviei para colher o que não vos custou nenhum trabalho; outros trabalharam e vós entrastes no que lhes custou tanto trabalho! Muitos samaritanos daquela cidade tinham acreditado nele por causa da palavra da mulher que afirmava: Ele me disse tudo o que eu fiz! Assim, quando chegaram junto dele, os samaritanos lhe pediram que ficassem entre eles. E ele ficou lá dois dias. Bem mais numerosos ainda foram os que creram por causa da própria palavra de Jesus; e eles diziam à mulher: Não é somente por causa dos teus dizeres que nós cremos; nós mesmos o ouvimos e sabemos que ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.

## INTRODUÇÃO AO TEMA

### PARA O ANO DE 2015

Jesus lhe disse: Dá-me de beber!

(João 4,7)

#### 1. Quem bebe desta água...

Viagem, sol escaldante, cansaço, sede... “Dá-me de beber!” É um pedido de todo o ser humano! Deus, que se fez humano em Cristo e se esvazia para compartilhar a nossa humanidade (Fl 2, 6-7), é capaz de pedir à mulher samaritana: “Dá-me de beber!” (Jo 4,7). Ao mesmo tempo, esse Deus que vem ao nosso encontro oferece a água viva: “A água que eu lhe der se tornará uma fonte que jorrará para a vida eterna.” (Jo 4,14)

O encontro entre Jesus e a mulher samaritana convida-nos a experimentar água de um poço diferente e também a oferecer um pouco da nossa própria água. Na diversidade, enriquecermo-nos uns aos outros. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é um momento privilegiado para oração, encontro e diálogo. É uma oportunidade para reconhecer a riqueza e o valor que estão presentes no outro, no diferente, e para pedir a Deus o dom da unidade.

“Quem bebe desta água sempre volta” – diz um provérbio brasileiro, utilizado quando uma pessoa que nos visita vai embora. Um copo refrescante de água é um sinal de acolhimento, diálogo e convivência. O gesto bíblico de oferecer água a quem chega (Mt 10,42), como forma de acolhimento e partilha, é algo que se repete em todas as regiões do Brasil.

O estudo e a meditação propostos neste texto para a Semana de Oração têm o objetivo de ajudar as pessoas e comunidades a perceber a dimensão de diálogo do projeto de Jesus, a que chamamos Reino de Deus. O texto afirma a importância de uma pessoa conhecer e compreender a sua própria identidade para que a identidade do outro não seja vista como uma ameaça. Se não nos sentimos ameaçados, estaremos capacitados para experimentar o outro como algo complementar: sozinha, uma pessoa ou uma cultura não se basta a si mesma! Por isso, a imagem que emerge das palavras “dá-me de beber” é algo que nos fala de complementaridade: beber água do poço de alguém é o primeiro passo para experimentar o modo de ser do outro. Isso leva a uma partilha de dons que nos enriquece. Quando os dons do outro são recusados, há prejuízo para a sociedade e para a Igreja.

No texto de João 4, Jesus é um estrangeiro que chega cansado e com sede. Ele precisa de ajuda e pede água. A mulher está na sua própria terra; o poço pertence ao seu povo, à sua tradição. Ela é dona do balde e é ela que tem acesso à água. Mas ela também está com sede. Eles encontram-se e esse encontro oferece uma inesperada oportunidade para ambos. Jesus não deixa de ser judeu porque bebeu água oferecida por uma mulher samaritana. A samaritana permanece sendo ela mesma ao acolher o caminho de Jesus. Quando reconhecemos que temos necessidades recíprocas, a complementaridade acontece nas nossas vidas de modo mais enriquecedor. Esse “Dá-me de beber” impulsiona-nos a reconhecer que pessoas, comunidades, culturas, religiões e etnias precisam umas das outras.

Dizer “Dá-me de beber” supõe que Jesus e a Samaritana se perguntam mutuamente sobre aquilo de que têm necessidade. Dizer “Dá-me de beber”, leva-nos a reconhecer que as pessoas e as populações na sua diversidade, as comunidades, as culturas e as religiões têm necessidade uns dos outros.

“Dá-me de beber” traz consigo uma ação ética que reconhece a necessidade que temos uns dos outros na vivência da missão da Igreja. É algo que nos impele a mudar a nossa atitude, a nos comprometer com a busca da unidade no meio da nossa diversidade, através da nossa abertura para uma variedade de formas de oração e espiritualidade cristã.

## 2. O contexto eclesial e religioso do Brasil

O Brasil pode ser considerado um país muito religioso. É tradicionalmente conhecido como um país em que uma certa “cordialidade” caracteriza as relações entre classes sociais e grupos étnicos. No entanto, o Brasil vive um tempo de crescente intolerância manifestada em altos níveis de violência, especialmente contra minorias e os mais vulneráveis: pessoas negras. Jovens, homossexuais, praticantes de religiões afro-brasileiras, mulheres e indígenas. Essa intolerância esteve escondida por muito tempo. Tornou-se mais explícita e revelou um Brasil diferente quando, em 12 de outubro de 1995, na festa de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do país, um dos bispos de uma Igreja neopentecostal pontapeou uma estátua de Nossa Senhora Aparecida durante uma apresentação de nível nacional na TV. Desde então, temos tido outros incidentes de intolerância religiosa a partir de grupos cristãos. Tem havido também situações similares de intolerância cristã em relação a outras religiões, particularmente quando se trata de tradições indígenas e afro-brasileiras.

A lógica que está por detrás deste tipo de comportamento é a competição pelo mercado religioso. De modo crescente, no Brasil, alguns grupos cristãos adotam uma atitude competitiva uns com os outros: é uma competição por um lugar na comunicação de massa, por novos membros e fundos públicos para grandes eventos. O papa Francisco aponta para esse mesmo fenômeno quando escreve: “O mundanismo espiritual leva alguns cristãos a estar em guerra com outros cristãos que se interpõem na sua busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica.” (Evangelii Gaudium, § 98)

Essa situação de competição religiosa tem afetado a vida das confissões cristãs tradicionais, que têm experimentado uma redução ou estagnação no número de seus membros. Isso tem impulsionado a ideia de que uma Igreja forte e dinâmica é uma Igreja que tem um número elevado de membros. Como resultado, há uma tendência no meio de setores significativos de Igrejas tradicionais de afastamento da busca da unidade visível da Igreja cristã.

Essa cristandade de mercado investe em políticas partidárias e, em alguns casos, cria os seus próprios partidos políticos. Tem-se aliado com interesses específicos de grupos, como o dos latifundiários, os ligados ao agro-negócio e aos mercados financeiros. Alguns observadores chegam a dizer que há uma força confessional na vida política, que ameaça a separação entre o Estado e a religião. Assim, a lógica ecumênica do derrube das paredes da divisão é substituída por uma lógica “corporativista” e pela proteção de interesses de algumas denominações.

Embora o Censo oficial de 2010 mostre que 86,8% dos brasileiros se identificam como cristãos, o país tem taxas muito altas de violência. Assim, a alta percentagem de filiação cristã não parece traduzir-se em atitudes não violentas e respeito pela dignidade humana. Essa afirmação pode ser ilustrada pelos seguintes dados:

- Violência contra as mulheres – entre 2000 e 2010, 43.700 mulheres foram assassinadas no Brasil. Quarenta e um por cento das mulheres que sofrem com a violência, são violadas nas suas próprias casas.
- Violência contra povos indígenas – a violência contra a população indígena frequentemente está relacionada com o desenvolvimento de hidroelétricas e a expansão do agro-negócio. Esses dois projetos expressam o modelo de desenvolvimento que prevalece hoje no país. Eles contribuem significativamente para a lentidão nos processos de demarcação e reconhecimento de territórios indígenas. Em 2011, o relatório “Violência contra povos indígenas no Brasil”, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), um organismo ligado à Conferência de Bispos da Igreja Católica do Brasil, identificou 450 projetos econômicos a serem desenvolvidos em terras indígenas no Brasil. Esses projetos acontecem sem a adequada consulta aos povos

indígenas, que está prevista na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho. O relatório da CPT denuncia o assassinato de 500 indígenas entre 2003 e 2011; 62,7% dessas mortes aconteceram no estado de Mato Grosso do Sul. A média anual de assassinatos é de 55,8 indígenas.

O superar a intolerância nas suas várias formas deve ser tratado de maneira positiva: respeitando a legítima diversidade e promovendo o diálogo como um caminho permanente de reconciliação e paz, como fidelidade ao evangelho.

### **3. Opção hermenêutica**

A metodologia adotada pelo CEBI, e largamente posta em prática na América Latina, é chamada Leitura Contextual da Bíblia. Trata-se de uma abordagem do texto que é, ao mesmo tempo, acadêmica e popular. Nessa metodologia, o ponto de partida para qualquer teologia e interpretação bíblica é a vida quotidiana. Adotamos a abordagem que vemos em Jesus no caminho de Emaús (cf Lc 24,13-24): Que está a acontecer? De que é que estão a falar? Partindo do contexto, vamos ao texto bíblico. Nessa viagem metodológica, a Bíblia é uma lâmpada para os nossos pés, uma luz para o nosso caminho (Sl 119,105). Tomamos a Bíblia como um raio de luz a iluminar o caminho de nossas vidas. O texto bíblico ensina-nos e transforma-nos para que possamos dar testemunho da vontade de Deus no contexto em que vivemos.

### **4. A caminhada através dos dias**

A caminhada que propomos para os oito dias começa com uma proclamação, que conduz à denúncia, renúncia e testemunho. A Semana começa com a proclamação de um Deus que nos criou à sua própria imagem, que é a imagem do Deus Triuno, unidade na diversidade. A diversidade é parte do plano de Deus. A seguir, algumas situações de pecado que levam à injustiça são denunciadas. Em terceiro lugar, a renúncia a essas atitudes pecaminosas que levam à exclusão apresenta-se como um passo em direção da unidade do Reino de Deus. Finalmente damos testemunho da graciosidade de Deus, que está sempre disposto a acolher-nos apesar da nossa imperfeição, e com a ação do seu Santo Espírito guia-nos na direção da reconciliação e da unidade. Assim vivemos a experiência do Pentecostes, com os múltiplos dons do Espírito que levam a tornar realidade o Reino de Deus.

## **PREPARAÇÃO DO MATERIAL**

### **PARA A SEMANA DE ORAÇÃO**

#### **PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS EM 2015**

Os dois organismos que se responsabilizam pela Semana de Oração convidaram o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) para preparar os materiais para a Semana de Oração de 2015. O CONIC indicou um grupo de trabalho formado por representantes das Igrejas que são seus membros plenos e de organizações ecumênicas filiadas para produzir o material. O grupo de trabalho reuniu-se em fevereiro e março de 2013 e completou o seu trabalho em julho.

O Comité Internacional designado pelos dois organismos responsáveis reuniu-se de 22 a 27 de setembro em São Paulo, Brasil, para finalizar a preparação do material. O encontro realizou-se no Hotel e Centro de Convenções Santa Mónica, situado numa área pobre na periferia de São Paulo. Mantido pela Ordem dos Agostinianos, o Hotel Santa Mónica e o seu centro de conferências gera recursos para vários projetos sociais patrocinados pelos agostinianos na vizinhança.

Além do trabalho editorial do texto proposto pelo CONIC, o Comité Internacional fez uma visita ao Centro Ecuménico de Serviço para Educação Popular e Evangelização (CESEP), onde os seus membros se encontraram com o diretor e estudantes do CESEP. O Comité Internacional também dedicou uma sessão à contribuição do movimento Ecuménico (particularmente o Conselho Mundial de Igrejas) para o

esclarecimento sobre violações de direitos humanos cometidas durante os anos de ditadura militar no Brasil (1964-1985).

O Comitê Internacional expressa sua gratidão ao fr. José Oscar Beozzo e à equipa e aos estudantes do CESEP, bem como ao Sr. Anivaldo Padilha e à Professora Dra. Magali do Nascimento Cunha pela maneira como ajudaram os membros do Comitê a entender melhor o contexto eclesial e social que está na base do tema e dos materiais de oração propostos para 2015.

O Comitê Internacional deseja manifestar particularmente os seus agradecimentos aos seguintes colaboradores:

Conselho Nacional de igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)

Bispo D. Manoel João Francisco – Presidente (Católico Romano)

Reva. Elinete W. Paes Miller – Segunda Vice-presidente (Presbiteriana)

Reva. Romi Márcia Benke – Secretária-geral (Luterana)

Agradecemos ao Bispo Francisco de Assis (Anglicano), primeiro Vice-presidente do CONIC, por mediar o contato inicial entre o CONIC e o CMI para o trabalho da Semana de Oração de 2015

Representação Regional Brasileira do Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI)

Presbítero Darli Alves – Secretário-geral (Presbiteriano)

Centro Ecuménico de Estudos Bíblicos (CEBI)

Rev. Odja Barros – membro da coordenação (Batista)

Sr. Edmilson Schinelo – Secretário Executivo (Católico Romano)

Dr. Paulo Ueti – Assessor (Anglicano)

Centro Ecuménico para Aconselhamento e Formação

Sr. Cláudio Becker – Assessor (Luterano)

Agradecimentos especiais à Rev. Lusmarina Campos Garcia (Luterana) e ao Rev. Donald Nelson pela tradução do texto inicial para o inglês.

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) foi formado em 1982 e tem como membros as seguintes Igrejas: Igreja Católica Romana, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Igreja Presbiteriana Unida e Igreja Ortodoxa Síria de Antioquia. A missão do CONIC é trabalhar pela unidade das Igrejas cristãs, acompanhando a realidade brasileira e confrontando-a com o Evangelho e as exigências do Reino de Deus. Portanto, é um compromisso do CONIC trabalhar pela dignidade humana e pelos seus direitos e deveres, como forma de expressar a sua fidelidade à mensagem do Evangelho. Os objetivos do CONIC estão ligados à promoção e estímulo das relações ecuménicas entre Igrejas cristãs e o fortalecimento do seu testemunho comum a favor dos Direitos Humanos. Além das Igrejas que são seus membros plenos, mencionadas acima, importantes grupos Ecuménicos são membros fraternos filiados ao CONIC. Esses grupos são:

O Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI) – criado em 1982, o CLAI tem como objetivo facilitar o diálogo e a cooperação entre Igrejas e organismos Ecuménicos, criando também espaço para o diálogo entre as religiões como um meio de busca da unidade, testemunho e serviço.

Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) – foi formado em 1979 e dedica-se ao aprofundamento e consolidação da leitura popular da Bíblia. Tem como objetivo fortalecer a articulação e a organização de grupos através da metodologia de leitura popular da Bíblia. Também estimula uma espiritualidade voltada para a promoção da vida, especialmente para os grupos mais socialmente excluídos do país.

## **CELEBRAÇÃO DE CULTO ECUMÊNICO**

### **Introdução à Celebração**

Este roteiro para Celebração Ecumênica pode ser usado para a abertura da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos ou para algum outro momento apropriado, escolhido pelas comunidades locais.

Jesus deliberadamente escolheu passar pela Samaria no seu caminho para a Judeia, na Galileia. No seu percurso passou pelo poço onde estava a mulher samaritana que lá veio para tirar água. O grupo Ecumênico brasileiro que preparou a celebração convida-nos a usar estes dois símbolos do caminho e da água como imagens da unidade cristã visível pela qual oramos. Os grupos locais convidam-nos a refletir sobre estas questões iniciais que dão forma à celebração:

Qual é o caminho da unidade, a rota que devemos assumir, para que o mundo possa beber da fonte da água da vida, que é Jesus Cristo?

Qual é o caminho da unidade que mostra o devido respeito pela nossa diversidade?

Neste caminho de unidade, há um poço cheio de água: tanto a água que Jesus procurava, cansado da caminhada, como também a água dada por ele, jorrando para a vida eterna. A água retirada pela mulher samaritana na sua tarefa diária é a água que mata a sede, que faz o deserto florir. A água que Jesus oferece é a água sobre a qual paira o Espírito de Deus, a água viva em que somos batizados. A passagem relatada em João 4,1-42 está no coração desta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Esse longo trecho do Evangelho pode ser lido por diversas vozes ou apresentado numa dramatização.

Para meditação depois do Evangelho, temos várias opções, dependendo do tamanho do grupo que celebra. Podendo ser:

Uma partilha baseada nas questões iniciais em pequenos grupos, seguida por um retorno à assembleia maior.

Uma homilia ou pregação que se centre no Evangelho e leve em conta as questões iniciais.

### **O caminho e o poço**

No chão, na parte central do lugar da Celebração que conduz até à frente da assembleia, pode ser montado um caminho com velas, flores, panos coloridos... No centro do caminho, coloca-se uma grande bacia com jarros de água por perto, podendo ser diferentes, representando a diversidade da assembleia.

Os celebrantes podem entrar em procissão ao longo desse caminho. Ao passar perto do “poço”, cada representante das Igrejas participantes derramará lentamente a água de um dos jarros dentro da bacia. Essa água, de diferentes fontes, é um símbolo da nossa unidade, já presente, embora incompleta e não totalmente visível. Esse gesto deve ser introduzido no começo da celebração e pode ser comentado na pregação.

O caminho pode ser usado na preparação da confissão dos pecados. Pessoas virão de diferentes partes da assembleia para expressar os seus pedidos de perdão.

Depois da bênção, os participantes podem partilhar um sinal de paz e companheirismo, ao deixar a assembleia e dirigir-se a um local de convívio para encerrar a celebração como comunidade fraterna.

## **ESTRUTURA DA CELEBRAÇÃO**

Note-se: Uma particular atenção deve ser dada para incluir os que têm deficiência auditiva ou qualquer outra situação especial, para que possam participar plenamente da celebração.

A celebração tem cinco partes.

I. Prelúdio/ Preparação

II. Abertura

Acolhimento e Introdução ao Tema da Semana de Oração

Confissão de pecados e Kyrie

III. Proclamação do Evangelho

IV. Resposta em Fé e Unidade

Afirmação de Fé

(Podem ser usados o Credo Niceno Constantinopolitano, o Credo dos Apóstolos ou outra afirmação de fé, como, por exemplo, uma renovação das promessas do Batismo)

Orações de intercessão

Oferta

O Pai Nosso (recitada ou cantada)

V. Bênção, Paz e Envio

Poslúdio

## **ORDEM DA CELEBRAÇÃO ECUMÉNICA**

D: Dirigente

L: Leitor

T: Todos

### **I. Prelúdio/ Preparação**

As velas serão acesas quando a celebração começar.

Acolhimento e Introdução ao Tema da Semana de Oração

**Boas vindas aos presentes, e introdução do tema da Semana de Oração.**

L: Fiquemos de pé e unamo-nos no hino de abertura enquanto o(s) celebrante(s) entra (m) processionalmente. Ao passar ao lado do “poço”, cada representante das Igrejas participantes derramará a

água de um vaso para a bacia. Essa água, de diferentes fontes, é um símbolo da nossa unidade, que é real, embora ainda incompleta.

Quando o grupo que celebra é pequeno, se possível, as pessoas serão convidadas a dizer o seu nome e a Igreja a que pertencem.

## **II. Abertura**

Cântico ou hino apropriado.

### **Convite à oração [3]**

D: Poderoso Deus sopra dentro de nós o vento da unidade que reconhece a nossa diversidade.

**T: Inspira-nos a viver a tolerância que acolhe e nos faz comunidade.**

D: Sopra sobre nós o fogo que une o que está separado e cura o que está doente.

**T: Inspira-nos com a graça que vence o ódio e liberta-nos da violência.**

D: Sopra sobre nós a vida que enfrenta e derrota a morte.

**T: Louvado seja o Deus de misericórdia, que é Pai, Filho e Espírito Santo e faz novas todas as coisas. Amém.**

### **Confissão dos Pecados e Kyrie**

D: Em humildade, como filhos de Deus e irmãs e irmãos em Cristo, recebemos a misericórdia de Deus e respondemos à sua chamada que torne novos todos os relacionamentos.

D: Misericordioso Deus, o teu Espírito pairou sobre as águas onde a diversidade brotou e floresceu. Confessamos a nossa dificuldade em viver com legítimas diferenças. Perdoa-nos essas atitudes manifestadas em pensamentos, palavras e obras que agridem a unidade na diversidade.

**T: Senhor, tende piedade de nós... (Cântico)**

D: Misericordioso Cristo, graça e alegria da multidão, ouvinte e mestre, tu fazes nascer novas visões de esperança e curas as feridas da mente e do corpo. Confessamos que temos falhado, deixando de ouvir vozes diferentes da nossa, deixando de dizer palavras que trazem cura e esperança e que temos perpetuado atitudes exclusivistas em relação àqueles que clamam por solidariedade e companheirismo.

**T: Senhor, tende piedade de nós... (Cântico)**

L: Misericordioso Deus, tu és a fonte de toda a criação, a Palavra eterna e doadora da Vida. Confessamos que não temos dado ouvidos a tua criação que geme e clama por libertação e renovação. Ajuda-nos a caminhar juntos e a ouvir a tua voz em todos os seres vivos que sofrem e anseiam por cura e cuidado.

D: Ó Deus, fonte de misericórdia e graça, derrama sobre nós o teu perdão. Que o teu amor nos transforme em uma fonte de águas vivas para restaurar as forças do nosso povo. A ti elevamos a nossa oração, por Cristo, nosso Senhor.

**T: Amém!**

Cântico anunciando a proclamação do Evangelho

### III. Proclamação do Evangelho

#### Proclamação ou dramatização do Evangelho de João 4, 1-42

#### Meditação ou sermão

### IV. Respondemos em Fé e Unidade

#### Confissão de fé

Será recitado o Credo Niceno Constantinopolitano, o Credo dos apóstolos ou outra afirmação de fé; pode ser usada, por exemplo, a renovação das promessas do Batismo.

#### Orações de Intercessão

A congregação pode entoar a canção indígena *Guaicuru Kyrie* – que apresentamos a seguir – ou escolher outra.

## Ouve, Deus de Amor

*(Hear us, God of love)*

Simei Monteiro

Melodia Guaicuru adap. Simei Monteiro

$\text{♩} = 120$

Ou - ve, Deus de a - mor nos - so cla - mor! Ou - ve, Deus de a - mor  
Hear us, God of love! Hear this our cry! Hear us, God of love!

nos - so cla - mor! Ou - ve Deus de a - mor, Ou - ve Deus de a - mor,  
hear this our cry! Hear us, God of love! Hear\_\_ this our cry!

Ou - ve, Deus de a - mor, Ou - ve, Deus de a - mor, o nos - so cla - mor, o nos -  
Hear us, God of love! Hear\_\_ this our cry! Hear our cry, we pray Hear our

so cla - mor. Ou - ve, Deus de a - mor nos - so cla - mor!  
cry, we pray! Hear us, God of love! Hear this our cry!

Text by Simei Monteiro. Music from Guaicuru People ©2000 General Board of Global Ministries, GBGMusik. 475, Riverside Dr, New York, NY, 10115

L: Deus de eterna compaixão, como indivíduos e como comunidade, pedimos que nos dês a tua luz, para que nos possamos tornar mais acolhedores e compreensivos em relação aos outros, reduzindo o sofrimento em nosso mundo.

T: **Ouve, Deus de amor! Ouve o nosso clamor... (Cântico)**

L: Deus de eterna compaixão, ensina aos teus filhos que a caridade, a hospitalidade e a unidade são expressões da tua revelação e do teu projeto para a humanidade.

**T: Ouve, Deus de amor! Ouve o nosso clamor... (Cântico)**

L: Deus de eterna compaixão, nós te imploramos, dá-nos a paz, ensina-nos e guia-nos para sermos construtores de um mundo tolerante e não violento.

**T: Ouve, Deus de amor! Ouve o nosso clamor... (Cântico)**

L: Deus de eterna compaixão, que nos falaste através da criação, depois através dos profetas e por teu Filho Jesus Cristo, dá-nos sabedoria para escutar a tua voz, que nos chama à unidade na nossa diversidade.

**T: Ouve, Deus de amor! Ouve o nosso clamor... (Cântico)**

L: Deus de eterna compaixão, em nome de teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor, que, como um estrangeiro, pediu à mulher samaritana que lhe desse de beber, dá-nos a água viva, que jorra para a vida eterna.

**T: Ouve, Deus de amor! Ouve o nosso clamor... (Cântico)**

A comunidade local pode adicionar outras Orações.

### **Ofertório**

D: Aprendemos com Jesus a oferecer as nossas vidas como um sinal de amor e compaixão. Senhor Deus, possamos nós ser ofertas vivas dedicadas ao ministério de tua Palavra e da tua Graça.

As ofertas são apresentadas à comunidade.

D: Deus, que estás connosco e caminhas no meio de nós, dá-nos neste dia a graça de tua luz e do teu Espírito, para que possamos continuar a nossa missão e permanecer fiéis na prática do acolhimento e da escuta de todos, mesmo daqueles que são diferentes de nós. Retira de nossos corações a violência e as atitudes discriminatórias que excluem e desvalorizam a dignidade humana de outros. Capacita as nossas Igrejas para serem espaços de acolhimento, onde a festa e a hospitalidade, a alegria e a ternura, a força e a fé se tornem nossa prática diária, nosso alimento de cada dia e nosso permanente movimento em direção a Jesus Cristo.

**T: Amém.**

Nota: As comunidades locais são convidadas a organizar as ofertas de acordo com a tradição de cada lugar. Sugerimos que as ofertas sejam trazidas e colocadas em cima do tecido colorido diante do altar. Enquanto se faz a oferta, canta-se um Cântico.

### **Pai Nosso (recitado ou cantado)**

#### **V. Bênção, Paz e Envio**

##### **Bênção**

D: Que o Senhor Deus vos abençoe e proteja,

enchas os seus corações de ternura e vossas almas de alegria,

os vossos ouvidos de música e vossas narinas de perfume,

vossas línguas de cânticos que levem Esperança.

Que Jesus Cristo, a Água Viva, esteja atrás de vós como proteção,  
diante de vós como Guia, ao vosso lado como companhia,  
dentro de vós como consolo, sobre vós como Bênção.

Que o Espírito doador de vida sobre sobre vós  
para que os vossos pensamentos sejam santos,  
atue em vós para que o vosso trabalho seja santo,  
impulsione vossos corações para que amem o que é santo,  
vos fortaleça para que defendam o que é santo.

Que Ele habite em vossos corações, regando a secura e derretendo a frieza,  
que Ele alimente no mais profundo de vossas almas o fogo do seu amor  
e vos conceda uma Fé verdadeira, uma Esperança firme  
e um amor sincero e perfeito.

**T: Amém.**

#### **Partilha da Paz**

D: Que Deus, que nos ensina a acolher uns aos outros e nos chama à prática da hospitalidade, nos dê a Paz e a serenidade à medida que avançamos no caminho da Unidade Cristã. Caminhando na paz de Cristo, partilhemos uns com os outros um sinal da paz.

#### **Poslúdio**

## REFLEXÕES BÍBLICAS E ORAÇÕES PARA OS OITO DIAS

### DIA 1 PROCLAMAÇÃO

#### Era preciso que atravessasse a Samaria (João 4,4)

- Gênesis 24,10-33      Abraão e Rebeca no poço
- Salmo 42      A corça que anela pelas correntes de águas
- 2 Coríntios 8,1-7      A generosidade das igrejas da Macedônia
- João 4,1-4      Era preciso que atravessasse a Samaria

#### Comentário

Jesus e seus discípulos viajaram da Judeia para a Galileia. A Samaria fica entre estas duas áreas. Havia um certo preconceito contra a Samaria e os samaritanos. A reputação negativa da Samaria vinha da sua mistura de raças e religiões. Não era incomum usar caminhos alternativos para evitar pisar em território samaritano.

O que o Evangelho de João quer expressar, quando diz que “era preciso que atravessasse a Samaria”? Mais do que uma questão geográfica, trata-se de uma escolha de Jesus. “Passar pela Samaria” significa que é necessário ir ao encontro do outro, do diferente, daquele que é muitas vezes visto como uma ameaça.

O conflito entre judeus e samaritanos era antigo. Os antepassados dos samaritanos tinham quebrado laços com a monarquia do sul, que exigia a centralização do culto em Jerusalém (1 Reis 12). Mais tarde, quando os assírios invadiram a Samaria, deportando grande parte da população local, eles trouxeram para o território uma quantidade de estrangeiros, cada um com seus próprios deuses ou divindades (2 Reis 17,24-34). Para os judeus, os samaritanos tornaram-se um povo “misturado e impuro”. Mais tarde no Evangelho de João, os judeus, querendo desacreditar Jesus, acusam-no dizendo: “ Não temos nós razão ao dizer que tu és um samaritano e um possesso?” (João 8,48)

Os samaritanos, por sua vez, também tinham dificuldade em aceitar os judeus (Jo 4,8). A ferida do passado tornou-se ainda maior quando, cerca do ano 128 aC, o líder judeu, João Hircano, destruiu o templo construído pelos samaritanos como lugar de culto no monte Gerizim. Pelo menos em uma ocasião, relatada no Evangelho de Lucas, Jesus não foi recebido numa cidade samaritana simplesmente porque estava a caminho da Judeia (Lc 9,52). Assim, a resistência ao diálogo vinha dos dois lados.

João deixou claro que “atravessar a Samaria” é uma escolha que Jesus faz; ele está a ir para além do seu próprio povo. Com isso ele mostra que, quando nos isolamos daqueles que são diferentes e nos relacionamos apenas com os que são iguais a nós, impomos a nós mesmos um empobrecimento. É o diálogo com os diferentes que nos faz crescer.

#### Questões

1. O que significa para mim e para minha comunidade de fé “ter que atravessar a Samaria”?
2. Que passos tem a minha Igreja dado para ir ao encontro de outras Igrejas, e o que as Igrejas têm aprendido umas com as outras?

#### Oração

Deus de todos os povos,

ensina-nos a atravessar a Samaria

para ir ao encontro de nossos irmãos e irmãs de outras Igrejas.

Deixa-nos ir até lá com um coração aberto

para que possamos aprender com toda Igreja e cultura.

Confessamos que és a Fonte da Unidade.

Dá-nos a unidade que Cristo deseja para nós.

**Amém.**

## **DIA 2**

### **DENÚNCIA I**

#### **Cansado da viagem, Jesus estava assim sentado na borda do poço (João 4,6)**

Gênesis 29,1-14          Jacob e Raquel na beira do poço

Salmo 137          Como cantar um cântico ao Senhor em terra estrangeira?

1 Coríntios 1.10-18          Cada um de vós diz: Eu sou de Paulo. Eu, de Apolo

João 4,5-6          Jesus estava cansado da viagem.

### **Comentário**

Jesus tinha estado na Judeia antes de seu encontro com a mulher samaritana. Os fariseus tinham começado a espalhar a ideia de que Jesus batizara mais discípulos do que João. Talvez esse tipo de conversa tenha causado alguma tensão e desconforto. Talvez tenha sido essa a razão da decisão de Jesus de ir embora.

Chegando ao poço, Jesus resolve parar. Estava cansado da sua viagem. A sua fadiga poderia também ter algo a ver com o que diziam dele. Enquanto descansava, uma mulher samaritana se aproximou do poço para tirar água. Esse encontro aconteceu no poço de Jacob: um lugar simbólico para a vida e a espiritualidade do povo da Bíblia.

Começa um diálogo entre a mulher samaritana e Jesus sobre o lugar onde se deveria adorar . “É na montanha ou em Jerusalém?” pergunta a mulher samaritana. Jesus responde: “nem na montanha nem em Jerusalém... os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade pois são esses os adoradores que o Pai procura”. (Jo 4, 21-24)

Ainda acontece que, em vez de uma busca comum da unidade, a competição e a disputa sejam uma característica do relacionamento entre Igrejas. Isso tem sido a experiência vivida no Brasil em anos recentes. Comunidades exaltam as suas próprias virtudes e os benefícios que aguardam os seus adeptos a fim de atrair novos membros. Alguns pensam que quanto maior for a Igreja, mais numerosos os seus membros e maior o seu poder, mais perto estarão de Deus, apresentando-se a si mesmos como os únicos adoradores verdadeiros. Como resultado, tem havido violência e desrespeito com outras religiões e tradições. Esse tipo de marketing competitivo cria tanto a desconfiança entre as Igrejas como uma falta de

credibilidade na sociedade em relação ao cristianismo como um todo. À medida que cresce a competição, a “outra” comunidade torna-se o inimigo.

Quem são os verdadeiros adoradores? Os verdadeiros adoradores não permitem que a lógica da competição – quem é melhor e quem é pior – contamine a fé. Precisamos de “poços” para nos apoiar, para descansar e abandonar as disputas, a competição e a violência, lugares onde possamos aprender que verdadeiros adoradores adoram “em Espírito e Verdade”.

### **Questões**

1. Quais são os maiores motivos de competição entre nossas Igrejas?
2. Somos capazes de identificar um “poço” comum no qual possamos nos apoiar e descansar das nossas disputas e competições?

### **Oração**

Gracioso Deus,

frequentemente as nossas Igrejas são levadas a escolher a lógica da competição.

Perdoa o nosso pecado de presunção.

Estamos cansados da necessidade de estar em primeiro lugar.

Deixa-nos descansar no poço.

Refresca-nos com a água da unidade que vem da nossa oração em comum.

Que o teu Espírito, que pairou sobre as águas do caos,

nos traga unidade na nossa diversidade.

**Amém.**

### **DIA 3 DENÚNCIA II**

#### **Eu não tenho marido (João 4,17)**

2 Reis 17,24-34          Samaria conquistada pela Assíria

Salmo 139,1-12          Senhor, tu me perscrutaste e me conheces

Romanos 7,1-4 Fostes mortos em relação à lei pelo corpo de Cristo

João 4,16-19          Eu não tenho marido

#### **Comentário**

A mulher samaritana responde a Jesus: “Eu não tenho marido.” O assunto da conversa agora é a vida conjugal da mulher. Há uma mudança de termos no conteúdo do diálogo – da água para o marido: “Vai, chama o teu marido e volta aqui” (Jo 4,16). Mas Jesus sabe que a mulher tinha tido cinco maridos e que o que ela tem agora não é seu marido. Qual é a situação da mulher? O seu marido pediu divórcio? Ela era viúva? Tinha filhos? Estas perguntas surgem naturalmente quando lidamos com esta narrativa. No entanto, parece que Jesus estava interessado numa outra dimensão da situação da mulher; ele tem conhecimento

da vida da mulher mas permanece aberto a ela, vai ao seu encontro. Jesus não insiste numa interpretação moral da resposta dela, mas parece querer conduzi-la para além disso. E, como resultado, a atitude da mulher em relação a Jesus muda. A essa altura, os obstáculos de diferenças culturais e religiosas ficam para trás para dar espaço a algo muito mais importante: um encontro em confiança. O comportamento de Jesus nesse momento permite-nos abrir novas janelas e levantar outras questões: questões que desafiam as atitudes que desmoralizam e marginalizam mulheres e também questões sobre as diferenças que permitimos que se coloquem como bloqueio no caminho da unidade que buscamos e pela qual oramos.

### **Questões**

1. Quais são as estruturas de pecado que podemos identificar nas nossas comunidades?
2. Qual é o lugar e o papel das mulheres nas nossas comunidades?
3. O que podem fazer as nossas Igrejas para prevenir e superar a violência contra mulheres e meninas?

### **Oração**

Tu que estás em todas as coisas,

como podemos te chamar com qualquer outro nome?

Que cântico poderíamos entoar para Ti?

Palavras não podem te descrever.

Que espírito te pode entender?

Nenhuma inteligência te pode compreender.

Só Tu não podes ser descrito;

tudo que de Ti é dito vem de Ti.

Só Tu estás além do que podemos conhecer;

tudo o que sabemos vem de Ti.

Todas as criaturas Te proclamam, as que falam e as que são mudas.

Todos te desejam, todos suspiram e aspiram por Ti.

Tudo o que existe ora a Ti,

e todo ser que pode contemplar o teu Universo dedica a Ti um hino silencioso.

Tem piedade de nós, tu que estás além de todas as coisas.

Como te poderíamos chamar com qualquer outro nome?

**Amém.**

(Atribuído a Gregório Nazianzeno)

## **DIA 4**

### **RENÚNCIA**

#### **A mulher então abandonou o cântaro (João 4,28)**

Gênesis 11,31-12,34 Deus promete fazer de Abraão uma grande nação e uma bênção

Salmo 23 O Senhor é o meu pastor

Atos 10,9-20 Não te atrevas a chamar imundo o que Deus tornou puro

João 4,25-28 A mulher então abandonou o cântaro

#### **Comentário**

O encontro entre Jesus e a mulher samaritana mostra que o diálogo com o diferente, o estranho, o que não é familiar pode ser promotor de vida. Se a mulher tivesse seguido as regras da sua cultura, ela teria ido embora quando viu Jesus se aproximar do poço. Naquele dia, por alguma razão, ela não seguiu as regras estabelecidas. Tanto ela como Jesus quebraram os padrões convencionais de comportamento. Através dessa ruptura eles nos mostraram de novo que é possível construir novos relacionamentos.

Assim como Jesus completa o trabalho do Pai, a mulher samaritana, por sua vez, deixa o jarro de água, mostrando que já podia ir mais longe com a sua vida; ela não estava confinada ao papel que a sociedade lhe impôs. No Evangelho de João ela é a primeira pessoa a proclamar Jesus como o Messias. Ir adiante é uma necessidade para aqueles que desejam crescer ficando mais fortes e mais sábios na sua fé.

O fato de ter a mulher samaritana deixado para trás seu cântaro de água é um sinal de que ela tinha encontrado um bem maior do que a água que tinha vindo buscar, e um lugar melhor para agir dentro da sua comunidade. Ela reconhece o dom maior que esse judeu estrangeiro, Jesus, lhe oferece.

É difícil para nós considerar valioso, reconhecer como bom, ou mesmo santo, o que nos é desconhecido e o que pertence ao outro. No entanto, reconhecer os dons do outro como bons e santos é um passo necessário para chegar à unidade visível que buscamos.

#### **Questões**

1. O encontro com Jesus pede que deixemos para trás os nossos “cântaros”. O que são para nós esses “cântaros”?
2. Quais são as principais dificuldades que encontramos para fazer isso?

#### **Oração**

Amoroso Deus,

ajuda-nos a aprender com Jesus e com a samaritana,

que o encontro com o outro abra para nós novos horizontes de graça.

Ajuda-nos a quebrar os nossos limites e a aceitar novos desafios.

Ajuda-nos a superar o medo quando seguimos a chamada do teu Filho.

Em nome de Jesus Cristo, oramos. Amém.

## **DIA 5**

### **ANUNCIAÇÃO**

#### **Tu não tens sequer um balde e o poço é profundo (João 4,11)**

Gênesis 46,1-7 Deus diz a Jacob para não ter medo de ir para o Egito

Salmo 133 Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!

Atos 2,1-11 O dia de Pentecostes

João 4,11 Tu nem sequer tens um balde e o poço é profundo

#### **Comentário**

Jesus precisava de ajuda. Depois de uma longa caminhada, vem o cansaço. Exausto, exposto ao calor do meio-dia, ele sente fome e sede. (Jo 4,6). Além disso, Jesus é um estrangeiro; é ele que está num território estrangeiro e o poço pertence ao povo da mulher. Jesus tem sede e, como diz a mulher samaritana, não tem balde para recolher a água. Ele precisa de água, ele precisa de ajuda: todos precisam de ajuda!

Muitos cristãos acreditam que somente eles têm todas as respostas e que não precisam da ajuda de ninguém. Perdemos muito quando mantemos esta perspectiva. Nenhum de nós pode chegar às profundezas do poço do divino e ainda assim a fé nos pede que nos aprofundemos no mistério. Não podemos fazer isto isoladamente. Precisamos da ajuda dos nossos irmãos e irmãs em Cristo. Só assim poderemos mergulhar na profundidade do mistério de Deus.

Um ponto comum na nossa fé, independentemente da Igreja a que pertencemos, é que Deus é um mistério além da nossa compreensão. A busca da unidade cristã leva-nos ao reconhecimento de que nenhuma comunidade tem todos os meios de mergulhar nas águas profundas do divino. Precisamos de água, precisamos de ajuda: todos precisam de ajuda! Quanto mais crescermos na unidade, partilharmos os nossos baldes e unirmos as nossas cordas, mais profundamente mergulharemos no poço do divino.

A tradição indígena brasileira ensina-nos a aprender com a sabedoria dos mais velhos e, ao mesmo tempo, com a curiosidade e a inocência das crianças. Quando estamos prontos para aceitar que realmente precisamos uns dos outros, tornarmo-nos como crianças, abertos para aprender. E é assim que o Reino de Deus se abre para nós (Mt 18,3). Precisamos fazer como Jesus fez. Precisamos tomar a iniciativa de entrar numa terra estrangeira, onde nos tornamos estrangeiros, e cultivar o desejo de aprender com o que é diferente.

#### **Questões**

1. Lembra-se de situações em que sua Igreja tenha ajudado outra Igreja ou tenha sido ajudada por outra Igreja?
2. Há reservas por parte da sua Igreja em aceitar ajuda de outra Igreja? Como pode isso ser superado?

#### **Oração**

Deus, fonte da água viva,

ajuda-nos a entender que, quanto mais unirmos as nossas cordas,

mais profundamente os nossos baldes chegarão até tuas divinas águas!

Desperta-nos para a verdade de que os dons do outro  
são uma expressão do teu indefinível mistério.  
E faze-nos sentar juntos à beira do poço  
para beber da tua água,  
que nos reúne em unidade e paz.  
Isto te pedimos em nome de teu Filho Jesus Cristo,  
que pediu à mulher samaritana que lhe desse água para a sua sede.

**Amém.**

## **DIA 6**

### **TESTEMUNHO**

**Jesus disse: “A água que eu lhe der fará nele uma fonte que jorrará para a vida eterna.” (João 4,14)**

Êxodo 2,15-22 Moisés e o poço de Midiã

Salmo 91 O cântico dos que se refugiam no Senhor

1 João 4,16-21 O perfeito amor lança fora o temor

João 4,11-15 Uma fonte que jorrará para a vida eterna

### **Comentário**

O diálogo que começa com Jesus que pede água torna-se um diálogo em que Jesus promete água. Mais adiante, neste mesmo Evangelho, Jesus vai pedir água outra vez. “Tenho sede” – diz ele na cruz - e a partir da cruz, Jesus se torna a prometida fonte de água que escorre do seu lado ferido. Recebemos essa água, essa vida que vem de Jesus, no batismo, e se torna uma água, uma vida que jorra para dentro de nós para ser oferecida e partilhada com outros.

Eis aqui o testemunho de uma mulher brasileira que bebeu dessa água, e em quem essa água se tornou uma fonte:

A irmã Romi, uma enfermeira de Campo Grande, era uma pastora na tradição pentecostal. Numa noite de domingo, na vizinhança de Romi, uma menina indígena de dezasseis anos, chamada Semei, sozinha na sua cabana, deu à luz um bebê, um menino. Ela foi encontrada caída no chão e sangrando. A irmã Romi levou-a ao hospital. Questionamentos foram feitos: onde estava a família de Semei? A família foi encontrada mas não queriam saber de nada. Semei e seu bebê não tinham um lar para onde ir. A irmã Romi levou-os para a sua própria modesta casa. Ela não conhecia Semei e o preconceito em relação aos indígenas era forte em Campo Grande. Semei continuou a ter problemas de saúde, mas a grande generosidade da irmã Romi despertou mais generosidade nos vizinhos. Uma outra mãe de parto recente, uma católica chamada Verônica, amamentou o bebê de Semei, que estava incapacitada para o fazer. Semei deu ao seu filho o nome de Lucas Natanael e dentro de algum tempo eles puderam mudar-se da cidade para uma quinta, mas ela não esqueceu a bondade da irmã Romi e dos seus vizinhos.

A água que Jesus dá, a água que a irmã Romi recebeu no batismo, tornou-se nela uma fonte de água e uma oferta de vida para Semei e seu filho. A partir do seu testemunho, essa mesma água batismal tornou-se uma fonte na vida dos vizinhos de Romi. A água do batismo jorrando na vida torna-se um testemunho ecumênico do amor cristão em ação, uma amostra antecipada da vida eterna que Jesus promete. Gestos concretos como este, praticados por pessoas comuns, são o que nós precisamos para crescer em companheirismo. Eles dão-nos testemunho do Evangelho e da relevância das relações ecumênicas.

### **Questões**

1. Como interpreta as palavras de Jesus quando ele diz que através dele nos podemos nos tornar “uma fonte de água jorrando para a vida eterna”?
2. Onde vê pessoas cristãs sendo fontes de água viva para ti e para outros?
3. Quais são as situações na vida pública em que as Igrejas deveriam falar a uma só voz para serem fontes de água viva?

### **Oração**

Trino Deus,

seguindo o exemplo de Jesus,

torna-nos testemunhas do teu amor.

Dá-nos o dom de sermos instrumentos de justiça, paz e solidariedade.

Que o teu Espírito nos leve a ações concretas que conduzem à unidade.

Que os muros sejam transformados em pontes.

Assim te pedimos em nome de Jesus Cristo na unidade do Espírito Santo.

**Amém.**

## **DIA 7**

### **TESTEMUNHO**

#### **“Dá-me de beber” (João 4,7)**

Números 20,1-11      Os israelitas em Meribá

Salmo 119,10-20      “Não esquecerei a tua palavra”

Romanos 15,2-7      “Que Deus... vos conceda viver em perfeito acordo entre vós”

João 4,7      “Dá-me de beber”

### **Comentário**

Os cristãos deveriam estar confiantes de que a atitude de encontrar e partilhar experiências com o outro, mesmo com outras tradições religiosas, pode nos transformar e nos ajudar a mergulhar nas profundezas do poço. O ato de nos aproximarmos daqueles que para nós são estrangeiros, com o desejo de beber do seu poço, abre-nos para as “maravilhas de Deus” que proclamamos. No deserto, o povo de Deus ficou sem

água e Deus enviou Moisés e Aarão para tirar água da rocha. Da mesma maneira, Deus muitas vezes atende as nossas necessidades através de outros. Quando pedimos ao Senhor nas nossas necessidades, como fez a samaritana ao pedir a Jesus “Senhor, dá-me desta água”, talvez o Senhor já tenha respondido às nossas orações colocando aquilo que pedimos nas mãos daqueles que estão próximos. Assim, precisamos também nos voltar para eles e pedir “Dá-me de beber”.

Às vezes a resposta às nossas necessidades já está na vida e na boa vontade das pessoas à nossa volta. Do povo guarani do Brasil aprendemos que, na sua língua, não existe palavra equivalente ao termo “religião” como algo separado do resto da vida. A expressão que eles costumam usar significa literalmente “nosso bom modo de ser” (“ñande teko katu”). Essa expressão refere-se ao sistema cultural por inteiro, o que inclui a religião. A religião, portanto, é parte do sistema cultural guarani, bem como o seu modo de pensar e ser (teko). Isso relaciona-se com tudo que melhora e desenvolve a comunidade e conduz ao seu “bom modo de ser” (teko katu). O povo guarani faz-nos lembrar que o cristianismo no início foi chamado “o Caminho” (Atos 9,2). “O caminho” ou “nosso bom modo de ser” é o modo de Deus trazer harmonia a todas as partes da nossa vida.

### **Questões**

1. Como é que a sua compreensão e experiência de Deus têm sido enriquecidas pelo encontro com outros cristãos?
2. O que é que as comunidades cristãs podem aprender da sabedoria indígena e de outras tradições religiosas na sua região?

### **Oração**

Deus da vida, que cuidas de toda a criação e nos chamas para a justiça e a paz,

que a nossa segurança não venha das armas, mas do respeito.

Que a nossa força não seja de violência, mas de amor.

Que a nossa riqueza não esteja no dinheiro, mas na partilha.

Que o nosso caminho não seja o da ambição, mas o da justiça.

Que a nossa vitória não venha da vingança, mas do perdão.

Que a nossa unidade não esteja na busca por poder, mas no vulnerável testemunho da tua vontade.

Com abertura e confiança, possamos defender a dignidade de toda a criação, partilhando, hoje e sempre, o pão da solidariedade, da justiça e da paz.

Isto te pedimos em nome de Jesus, teu santo Filho, nosso irmão, que, como vítima da nossa violência, mesmo do alto da cruz, deu a nós todos o perdão.

### **Amém.**

(adaptado de uma prece de uma Conferência Ecuménica no Brasil, onde se pedia pelo fim da pobreza como um primeiro passo no caminho da paz através da justiça)

## **DIA 8**

### **TESTEMUNHO**

#### **Muitos tinham acreditado por causa da palavra**

#### **da mulher (João 4, 39)**

Êxodo 3,13-15 Moisés e a sarça-ardente

Salmo 30 O Senhor nos faz reviver

Romanos 10,14-17 “Como são belos os pés daqueles que anunciam boas novas!”

João 4,27-30.39-40 Muitos acreditaram por causa do testemunho da mulher

#### **Comentário**

Com o coração transformado, a mulher samaritana parte em missão. Ela anuncia ao seu povo que tinha encontrado o Messias. Muitos acreditaram em Jesus “por causa da palavra da mulher” (João 4,39). A força do seu testemunho vem da transformação da sua vida, causada pelo seu encontro com Jesus. Graças à sua atitude de abertura, ela reconheceu naquele estrangeiro “uma fonte que jorrará para a vida eterna” (João 4,14).

A missão é um elemento chave da fé cristã. Todo cristão é chamado a anunciar o nome do Senhor. O Papa Francisco disse aos missionários: “onde quer que possais ir, seria bom pensar que o Espírito de Deus sempre vai à nossa frente”. Missão não é proselitismo. Aqueles que verdadeiramente anunciam Jesus aproximam-se dos outros em diálogo amoroso, abertos a uma aprendizagem mútua, e respeitando a diferença. A nossa missão exige de nós que aprendamos a beber da água viva sem nos apossarmos do poço. O poço não nos pertence. Nós ganhamos vida a partir desse poço, o poço de água viva que nos é dado por Cristo.

A nossa missão precisa de ser um trabalho tanto de palavra como de testemunho. Buscamos viver o que proclamamos. O falecido arcebispo brasileiro D. Helder Câmara disse certa vez que muitos se tornaram ateus porque ficaram desiludidos com pessoas de fé que não praticam o que pregam. O testemunho da mulher levou a sua comunidade a acreditar em Jesus porque os seus irmãos e irmãs viram coerência entre as palavras dela e a própria transformação que ela demonstrava.

Se nossa palavra e nosso testemunho são autênticos, o mundo ouvirá e acreditará. “Como creriam nele, sem o terem ouvido?” (Rm 10,14)

#### **Questões**

1. Que relação existe entre unidade e missão?
2. Conhece pessoas na sua comunidade cuja história de vida é um testemunho de unidade?

#### **Oração**

Deus, fonte de água viva,

transforma-nos em testemunhas de unidade tanto através de nossas palavras como das nossas vidas.

Ajuda-nos a entender que não somos os donos do poço

e dá-nos a sabedoria para acolher a mesma graça uns nos outros.

Transforma os nossos corações e as nossas vidas  
para que possamos ser verdadeiros portadores da Boa Nova.  
E leva-nos sempre ao encontro com o outro,  
como um encontro contigo.  
Isso te pedimos em nome de teu Filho Jesus Cristo.  
na unidade do Espírito Santo.  
Amém.

#### **SITUAÇÃO DO ECUMENISMO NO BRASIL [4]**

O movimento Ecuménico no Brasil tem raízes na experiência de cooperação entre diferentes denominações feita por agências missionárias protestantes operando no país desde o século XIX. Animado por essa cooperação geral entre protestantes, em 1903, o pastor presbiteriano Erasmo Braga iniciou um trabalho pioneiro com a organização da Aliança Evangélica e do Esforço Cristão. Ambas as instituições tinham o objetivo de promover a unidade entre diferentes grupos protestantes e cooperação na evangelização e na educação. Essas organizações também se comprometeram a sustentar o princípio republicano de igualdade religiosa.

O Congresso do Panamá[5], em 1916, dedicado à cooperação entre denominações missionárias na América Latina, fortaleceu de modo significativo essas iniciativas. Depois do congresso do Panamá, foi estabelecida a Comissão Brasileira de Cooperação. Ela uniu dezanove comunidades eclesiais, incluindo Igrejas, sociedades missionárias e outras organizações evangélicas.

Em 1934, a Confederação Evangélica do Brasil (CEB) foi criada com a finalidade de promover o Movimento Ecuménico. A CEB mais tarde desempenhou um papel importante na promoção dos ideais do Conselho Mundial de Igrejas. As Igrejas que participaram da criação da CEB foram a Metodista, a Episcopal, Igrejas Presbiterianas do Brasil e a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. A elas se uniram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em 1959, a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1963 e a Igreja Pentecostal Brasil para Cristo em 1968.

A missão foi um tema importante para a CEB. Isso levou à criação do Conselho de Relações Intraeclesiais, que tinha a tarefa de coordenar o trabalho missionário desenvolvido por diferentes organismos da missão, de modo a evitar duplicação de esforços e competição entre diferentes agências e Igrejas.

Outra bem conhecida dimensão do trabalho da CEB[6] foram as cartas circulares que trataram de temas sociais no Brasil, tais como a necessidade de reforma agrária, de melhoria na educação, de cursos de alfabetização e campanhas em situações de emergência. Movimentos eclesiais de jovens desempenharam um papel importante em sua tentativa de refletir sobre a responsabilidade social da Igreja dentro do contexto brasileiro. Um importante evento que ajudou a fortalecer essas iniciativas foi a Conferência Mundial da Juventude Cristã, que aconteceu no fim da década de 1940 em Oslo. Nessa Conferência, jovens brasileiros tiveram acesso a novas perspectivas bíblicas e teológicas da Europa e dos Estados Unidos.

O maior envolvimento de jovens brasileiros em movimentos internacionais juvenis, como a Federação Universal de Movimentos de Estudantes Cristãos (WSCF), foi um fator importante para o desenvolvimento de uma teologia do Evangelho social e a gradual organização de grupos de leitura bíblica com interpretação

contextualizada, capazes de estabelecer diálogo com a realidade social. As Igrejas foram impelidas a confrontar-se com temas de conflito social e económico que continuaram a emergir nesses grupos.

O contexto de fermentação foi intensificado pela influência do teólogo americano Richard Shaull, um pioneiro na formulação de uma teologia da revolução. Outra importante influência foi o exemplo de padres católicos franceses que buscaram viver no meio dos pobres e se tornaram uma inspiração para muitos jovens cristãos no Brasil. O desafio era apoiar uma teologia que incorporava nas suas reflexões tanto a cultura do Brasil como os problemas da sociedade brasileira.

Essa experiência aprofundou-se em 1953, com a criação da Divisão de Responsabilidade Social da Igreja na CEB. O objetivo desse novo departamento era estudar as implicações de fé num nível nacional e avaliar o trabalho social e a evangelização dentro do contexto social e político. Como resultado, quatro conferências nacionais foram organizadas para compreender a realidade do país e identificar perspectivas a partir de um ponto de vista protestante.

Os temas abordados nessas quatro conferências foram: Responsabilidade Social da Igreja (1955), Estudo sobre a Responsabilidade Social da Igreja (1955), A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade (1960) e Jesus Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro (1962). Ou pela terceira e quarta conferência, começava-se a perceber uma abertura ao diálogo com os Católico-romanos, que também se estavam a reunir para discutir os problemas sociais e políticos do país.

O crescimento do movimento Ecuménico nas décadas de 1950 e 1960 foi marcado por uma perspectiva crítica em relação aos modelos dominantes de desenvolvimento económico. Os conceitos de “progresso” e “industrialização” eram invocados para justificar a acumulação de riqueza por uns poucos, enquanto a maioria da população não tinha acesso nem aos artigos produzidos nem à riqueza criada. Inspirado pelas quatro conferências, o destaque dado pelo ecumenismo à missão e à transformação social também se repercutiu na Igreja Católica Romana. Um de seus jornais publicou alguns dos resultados. A reflexão teológica sobre a responsabilidade social da Igreja contribuiu para o desenvolvimento do movimento Ecuménico como um projeto de unidade entre as Igrejas que tratava de evangelização e envolvimento social.

Nos anos que se seguiram ao golpe militar de 1964, a CEB foi sendo progressivamente dissolvida. No entanto, o trabalho ecuménico que a Confederação promoveu não desapareceu inteiramente. Como resultado do Vaticano II, a Igreja Católica Romana no Brasil lentamente abriu-se ao diálogo com outros cristãos e foi-se tornando cada vez mais consciente da responsabilidade social da Igreja. Em face da repressão política, as diferenças doutrinárias que separavam as Igrejas tiveram uma importância secundária diante dos problemas sociais de grande importância enfrentados pelo povo brasileiro, e isso contribuiu para revigorar o movimento Ecuménico.

No contexto da ditadura militar, grupos Ecuménicos de Protestantes e Católico-romanos, que também incluíam alguns não cristãos, começaram a promover os direitos humanos, denunciar a tortura e buscar uma abertura democrática. Essas alianças ecuménicas fortaleceram outros grupos e projetos que tinham como objetivo a promoção de valores sociais relacionados com os direitos humanos. Esse foi o pano de fundo do projeto Brasil Nunca Mais, desenvolvido conjuntamente pelo Conselho Mundial de Igrejas e pela Arquidiocese de São Paulo, na década de 1980. Coordenado pelo Pastor Presbiteriano Jaime Wright e pelo arcebispo de São Paulo, o cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, o projeto visava evitar que documentação legal sobre crimes políticos fosse destruída no fim da ditadura militar e queria reunir informações sobre a tortura praticada pela repressão política. Esperava-se que a exposição de violações de direitos humanos cometidas pelos militares iria desempenhar um papel educacional dentro da sociedade brasileira.

Situações particulares de opressão e temas de direitos humanos têm permanecido no centro do movimento Ecuménico no Brasil. Nesse sentido, é importante destacar a contribuição dada por teólogos de diferentes Igrejas que se identificaram com o movimento Ecuménico. Por exemplo: a colaboração ecuménica no campo dos estudos bíblicos levou à discussão sobre a situação das mulheres, tanto na sociedade como na Igreja.

Desde 1975, lideranças da Igreja Católica Romana, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, da Igreja Episcopal Anglicana e da Igreja Metodista começaram a vislumbrar juntas a criação de um Conselho Nacional de Igrejas. Essa visão tornou-se realidade em 1982, quando foi criado o CONIC. Para o conjunto do movimento Ecuménico no Brasil, o Conselho Nacional de Igrejas representa o caráter institucional do ecumenismo, que busca promover uma relação orgânica entre as Igrejas que a ele se filiam. Ele assume, entre as suas muitas tarefas, o desafio de pressionar as Igrejas para que assumam uma dimensão ecuménica em todas as áreas da sua atividade pastoral.

No bastante complexo contexto religioso brasileiro, o CONIC busca apoiar o diálogo entre as Igrejas e outras religiões. No meio de crescente intolerância religiosa, O CONIC está envolvido em vários fóruns de discussão que buscam minimizar o impacto do fundamentalismo religioso. Tem assumido um papel de liderança no debate sobre o relacionamento entre a Igreja e a Sociedade, discutindo especialmente a necessidade de regulamentação da relação entre organizações da sociedade civil e o Estado. Nos relacionamentos, e às vezes nos conflitos, entre grupos religiosos e movimentos identificados com a luta por direitos humanos, o CONIC tem trabalhado com a intenção de promover reflexão teológica sobre diferentes perspectivas e percepções na sociedade.

Uma das mais importantes atividades do CONIC é a celebração anual da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Ele também assumiu três Campanhas da Quaresma (chamadas Campanhas da Fraternidade), usualmente desenvolvidas pela Conferência de Bispos Católicos, que foram trabalhadas de forma ecuménica nos anos 2000, 2005 e 2010. A quarta Campanha ecuménica da Quaresma vai acontecer em 2016.

É importante destacar que o movimento Ecuménico brasileiro inclui numerosos grupos e organizações como a seção brasileira do Conselho Latino Americano de Igrejas (CLAI), o Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), o Centro Ecuménico de Serviço à Evangelização e à Educação Popular (CESEP), e também agências como a Coordenação Ecuménica de Serviços (CESE) e Koinonia- Presença Ecuménica e Serviço. Essas agências também se encontram no Fórum Brasil, onde as principais estratégias do movimento Ecuménico nacional são discutidas e decididas. Há também um movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs (a Casa da Reconciliação), que promove encontros e cursos de estudo entre Igrejas, editoras e universidades. O testemunho da nossa unidade concretiza-se em diferentes experiências nas quais buscamos transformar as estruturas que causam violência e nos distanciam do Reino de Deus, um reino de justiça e paz (Rm 14,17).

## **SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

### **Temas de 1968 a 2015**

Em 1968, materiais preparados em conjunto pela Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas e pelo pontifício Conselho para a Unidade dos Cristãos foram usados pela primeira vez.

1968 Para o louvor de sua glória (Efésios 1,14)

1969 Chamados à liberdade (Gálatas 5,13)

(Encontro preparatório em Roma, Itália)

1970 Somos colaboradores de Deus ( 1 Coríntios 3,9)

(Encontro preparatório no mosteiro de Niederaltaich, na República Federal Alemã)

1971 ... e a comunhão do Espírito Santo (2 Coríntios 13.13)

1972 Eu vos dou um novo mandamento (João 13,34)

(Encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1973 Senhor, ensina-nos a orar (Lucas 11,1)

(Encontro preparatório no mosteiro de Montserrat, Espanha)

1974 Que toda língua confesse: Jesus Cristo é o Senhor (Filipenses 2, 1-13)

(Encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1975 Plano de Deus: todas as coisas em Cristo (Efésios 1,3-10)

(Material de um grupo australiano. Encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1976 Seremos como Ele (João 3,2) ou Chamados a ser o que somos

(Material da Conferência Caribenha de Igrejas; encontro preparatório em Roma, Itália)

1977 A esperança não nos decepciona (Romanos 5,15)

(Material do Líbano, no meio de uma guerra civil; encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1978 Não sois mais estrangeiros (Efésios 2,13-22)

(Material de uma equipe ecumênica em Manchester, Inglaterra)

1979 Servi uns aos outros para a glória de Deus (1 Pedro 4,7-11)

(Material da Argentina; encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1980 Que venha o teu Reino! (Mateus 6,10)

(Material de um grupo Ecumênico em Berlim, República Democrática Alemã; encontro preparatório em Milão)

1981 Um Espírito – muitos dons – um só corpo (1 Coríntios 12,3b-13)

(Material dos Graymoor Fathers, USA; encontro preparatório em Genebra, Suíça)

1982 Que todos estejam na tua casa, Senhor (Salmo 84)

(Material do Quênia; encontro preparatório em Milão, Itália)

1983 Jesus Cristo - a Vida do mundo (1 João 1,1-4)

(Material de um grupo Ecuménico na Irlanda; encontro preparatório em Céligny, Suíça)

1984 Chamados a ser um pela cruz de nosso Senhor (1 Coríntios 2,2 e Colossenses 1,20)

(Encontro preparatório em Veneza, Itália)

1985 Da morte à vida com Cristo (Efésios 2,4-7)

(Material da Jamaica; encontro preparatório em Grandchamp, Suíça)

1986 Vós sereis minhas testemunhas (Atos 1,6-8)

(Material da Iugoslávia - Eslovênia ; encontro preparatório na Iugoslávia)

1987 Unidos em Cristo – uma nova criação (2 Coríntios 5,17 a 6,4a)

(Material da Inglaterra; encontro preparatório em Taizé, França)

1988 O amor de Deus afasta o medo (1 João 4,18)

(Material da Itália; encontro preparatório em Pinerolo, Itália)

1989 Construindo a comunidade: um só corpo em Cristo (Romanos 12,5-6a)

(Material do Canadá; encontro preparatório em Whaley Bridge, Inglaterra)

1990 Que todos sejam um... para que o mundo creia (João 17)

(Material da Espanha; encontro preparatório em Madrid, Espanha)

1991 Louvai ao Senhor, todas as nações (Salmo 117 e Romanos 15,5-13)

(Material da Alemanha; encontro preparatório em Rotenberg an der Fulda, República Federal da Alemanha)

1992 Estou convosco sempre... Ide, portanto. (Mateus 28,16-20)

(Material da Bélgica; encontro preparatório em Bruges, Bélgica)

1993 Dando frutos no Espírito para a unidade cristã (Gálatas 5,22-23)

(Material do Zaire; encontro preparatório em Zurich, Suíça)

1994 A casa de Deus: chamados a ser um no coração e na mente (At 4,23-37)

(Material da Irlanda; encontro preparatório em Dublin, República da Irlanda)

1995 Koinonia: comunhão em Deus e uns com os outros (João 15,1-17)

(Material de Fé e Ordem; encontro preparatório em Bristol, Inglaterra)

1996 Eis que estou à porta e bato (Apocalipse 3, 14-22)

(Material de Portugal; encontro preparatório em Lisboa, Portugal)

1997 Em nome de Cristo, reconciliai-vos com Deus (2 Coríntios 5,20)

(Material do Conselho Ecuménico Nórdico; encontro preparatório em Estocolmo, Suécia)

1998 O Espírito socorre a nossa fraqueza (Romanos 8,14-27)

(Material da França; encontro preparatório em Paris, França)

1999 Deus habitará com eles. Será seu Deus e eles serão seu povo (Apocalipse 21,1-7)

(Material da Malásia; encontro preparatório no mosteiro de Bose, Itália)

2000 Louvado seja Deus, que nos abençoou em Cristo (Efésios 1,3-14)

(Material do Conselho de Igrejas do Oriente Médio; encontro preparatório em La Verna, Itália)

2001 Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (João 14,1-6)

(Material da România; encontro preparatório em Vulcan, Roménia)

2002 Em ti está a fonte da vida (Salmo 36,5-9)

(Material do CEEC e CEC; encontro preparatório perto de Augsburg, Alemanha)

2003 Trazemos este tesouro em vasos de argila (2 Coríntios 4,4-18)

(Material das Igrejas da Argentina; encontro preparatório em Los Rubios, Espanha)

2004 Eu vos dou a minha paz (João 14,23-31 e João 14,27)

(Material de Aleppo, Síria; encontro preparatório em Palermo, Sicília)

2005 Cristo, o único fundamento da Igreja (1 Coríntios 3,1-23)

(Material da Eslováquia; encontro preparatório em Piestany, Eslováquia)

2006 Quando dois ou três se reúnem em meu nome, eu estou no meio deles (Mateus 18,18-20) (Material da Irlanda; encontro preparatório em Prosperous, Co. Kildare, Irlanda)

2007 Ele faz os mudos falarem e os surdos ouvirem (Marcos 7,31-37)

(Material da África do Sul; encontro preparatório em Faverges, França)

2008 Orai sem cessar (1 Tessalonicenses 5, 12a. 13b- 18)

(Material dos USA; encontro preparatório em Graymoor, Garrison, USA)

2009 Unidos em tua mão (Ezequiel 37, 15-28)

(Material da Coreia; encontro preparatório em Marselha, França)

2010 Vós sois testemunhas disso (Lucas 24,48)

(Material da Escócia; encontro preparatório em Glasgow, Escócia)

2011 Unidos no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações. (Cf Atos 2,42)

(Material da Jerusalém; encontro preparatório em Saydnaya, Síria)

2012 Todos seremos transformados pela vitória de nosso Senhor Jesus Cristo (cf 1 Coríntios 15, 51-58)

(Material da Polônia; encontro preparatório realizado em Varsóvia, Polônia)

2013 O que Deus exige de nós? (cf. Miquéias 6,6-8)

(Material da Índia; encontro preparatório realizado em Bangalore, Índia)

2014 A caso o Cristo está dividido ? (1 Cor 1, 1-17)

(Material da Canadá; encontro preparatório realizado em Montréal, Canadá)

2015 Jesus lhe disse: Dá-me de beber (João 4,7)

(Material do Brasil; encontro preparatório realizado em São Paulo, Brasil)

## **DATAS FUNDAMENTAIS**

### **NA HISTÓRIA DA SEMANA DE ORAÇÃO**

#### **PELA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

1740 Na Escócia, surgiu um movimento pentecostal, ligado à América do Norte, cuja mensagem de reavivamento incluía preces por e com todas as Igrejas.

1820 O Rev. James Haldane Stewart publica “Orientações para a união geral dos cristãos para o derramamento do Espírito”.

1840 O Rev. Ignatus Spencer, convertido ao catolicismo romano, sugere uma “União de oração pela unidade”.

1867 A Primeira Conferência de Bispos Anglicanos em Lambeth destaca a oração pela unidade no Preâmbulo de suas Resoluções.

1894 O papa Leão XIII estimula a prática de Oitava de Oração pela Unidade, no contexto de Pentecostes.

1908 Primeira vivência da Oitava da Unidade Cristã, iniciativa do Rev. Paul Wattson.

1926 O movimento Fé e Ordem começa a publicar “Sugestões para uma oitava de oração pela unidade cristã.”

1935 O abade Paul Couturier defende uma “Semana Universal de Orações pela Unidade dos Cristãos”, baseada em preces inclusivas pela “unidade que Cristo quiser, pelos meios que ele quiser”.

1958 A Unidade Cristã (Lyons, França) e a Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas começam a preparar em cooperação os materiais para a Semana de Oração.

1964 Em Jerusalém, o papa Paulo VI e o patriarca Athenagoras I rezam juntos a prece de Jesus para “que todos sejam um” (João 17)

1964 O decreto sobre Ecumenismo do Vaticano II enfatiza que a oração é a alma do movimento Ecuménico e incentiva a observância da Semana de Oração.

1966 A Comissão Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas e o Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos (hoje conhecido como Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos) começam a preparar oficialmente juntos o material da Semana de Oração.

1968 Primeiro uso oficial do material da Semana de Oração preparado em conjunto por Fé e Ordem e pelo Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos (hoje conhecido como Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos).

1975 Primeiro uso de material da Semana de Oração baseado em uma versão inicial de texto preparada por um grupo Ecuménico local. Um grupo australiano foi o primeiro a assumir esse projeto, na preparação do texto inicial de 1975.

1988 Os materiais da Semana de Oração foram usados na celebração de fundação da Federação Cristã da Malásia, que une os grupos cristãos majoritários do país.

1994 Um grupo internacional prepara o texto para 1996, incluindo representantes de YMCA e YWCA (Associação Cristã de Moços/as).

2004 Formaliza-se um acordo pelo qual os materiais da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos serão publicados e produzidos no mesmo formato por Fé e Ordem (WCC) e pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos (Igreja Católica).

2008 Comemoração do centésimo aniversário da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos (sua predecessora, a Oitava da Unidade Cristã, foi observada pela primeira vez em 1908).

[1] Chimarrão é uma bebida feita por infusão, tradicional no sul do Brasil; é preparado com folhas secas de erva mate em água fervente. É prática comum partilhar essa bebida com amigos ou a família.

[2] É similar ao chimarrão, mas aqui se usa água fria em vez de água fervente.

[3] Adaptado da oração escrita por Inês de França Bento em Rubem Alves (Org) CultoArte, Celebrando a Vida, Pentecostes, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ 2002, pág. 21

[4] Este texto é reproduzido sob a inteira autoridade e responsabilidade do grupo Ecuménico no Brasil que se reuniu para escrever os textos a serem usados na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2015.

[5] O Congresso do Panamá foi realizado em protesto em relação à Conferência Internacional Missionária de Edimburgo (1910), que não convidou agências missionárias ativas na América Latina já que algumas estavam fazendo proselitismo na região. Entre as muitas revisões desse Congresso, a de Hans- Jürgen Prien destacou que o Congresso do Panamá marcou o fim das mais entusiásticas missões protestantes da América Latina e levou a uma reflexão crítica da missão protestante em um ambiente que era predominantemente católico romano (TIEL, 1998, p. 43). A partir desse Congresso, houve muitas conferências regionais para discutir a cooperação missionária na América Latina.

[6] A CEB participou das Conferências Evangélicas Latino Americanas (CELA), das quais a mais importante foi a CELA II, realizada em Lima em 1961. Essa conferência reuniu 220 representantes de 34 denominações latino americanas. A partir do Comité da Conferência de Lima foram estabelecidas a Comissão Latino Americana de Evangelização Cristã (CELADEC) e a Comissão de Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), e esta última especialmente foi muito importante para impulsionar o ecumenismo no Brasil.